



# TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

## Editorial: textos porosos, sintomas do tempo

Sérgio Roclaw Basbaum<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Editor-convidado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil – sbasbaum@gmail.com

*"A sensação não é somente uma questão de resposta fisiológica ou experiência pessoal. É o domínio mais fundamental de expressão cultural, o meio através do qual todos os valores e práticas da sociedade são articulados" David Howes (2003:xi)*

Convidado a coordenar uma edição deste periódico voltada às relações entre estética e tecnologia, de imediato me vi tentado a buscar um conjunto de artigos que de algum modo articulassem ou desenvolvessem diferentes aspectos das teses que, ao longo dos anos, têm sequestrado as minhas reflexões. No alto dessa lista, as questões da percepção, da sinestesia, e dos impactos da tecnologia sobre a percepção, com suas consequências cognitivas e, no caso, mais especificamente estéticas. Ficou logo claro, pelas respostas ao convite dirigido a colegas, e à chamada pública de artigos, que as nossas teses são nossas, e não dos outros, e que aquilo que muitas vezes nos aparece de modo claro e irrecusável, não o é necessariamente para outros; e que, por fim, quem deve falar das nossas teses somos nós mesmos. Assim, mais do que um conjunto de artigos que examina uma determinada visão sobre a cultura tecnológica contemporânea – cujo grande denominador comum, passível de universalidade, parece ser a tecnologia digital, com suas inúmeras interfaces, materiais e conceituais –, o que emerge neste número é um instantâneo que contempla formas contemporâneas e reflexões sobre o mundo onde tais formas aparecem, e do qual são forças constitutivas.



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Em princípio, o que se buscava era uma edição sobre as transformações estéticas e as novas formas da arte, num contexto que já vem sendo chamado de "pós-digital", mas talvez fosse seria melhor nomeado como "full-digital": um mundo onde a revolução digital – a gestão do real por sistemas informacionais baseados em processamento de quantidades exponenciais de dados – já se consumou. Vivemos num mundo gerido por grandes sistemas de inteligência artificial, em que identidades, processos, linguagens, comportamentos, valores, continuam se transformando num ritmo vertiginoso, impondo desafios ao existir em todas as suas esferas. Como Benjamin, de modo precoce, e McLuhan, muito explicitamente, observaram, as transformações tecnológicas incidem sobre, modulam a percepção. Ao falar sobre a fotografia e a cultura de massa, Benjamin já em 1935 falava do surgimento de uma percepção "atenta a tudo aquilo que se repete identicamente", e, como lembra Alexandre Siqueira de Freitas, nesta edição, entende o Dadaísmo como sintoma de uma profunda transformação nos modos do perceber, pelo impacto da fotografia. Diante da explosão contemporânea das imagens técnicas, e do dilúvio das imagens e interfaces digitais ao longo das primeiras décadas do século XXI, seria ingênuo acreditar que o aparato perceptivo, e toda a cadeia cognitiva que se inaugura no perceber, e se completa nas condutas, no performar no mundo, consagrando-se na linguagem, permaneceria inabalada. Realizaria, assim, as mesmas formas do perceber consteladas num mundo em que as relações não mediadas, experienciadas em espaços públicos e privados tinham seu espaço disputado apenas pelas formas verticais da comunicação de massa, e, de certa forma, pela experiência da obra de arte. Um olhar de relance para praticamente qualquer cenário do mundo contemporâneo, entretanto, dará testemunho de que nós mesmos já não somos capazes de perceber as os outros e as coisas como o fazíamos há uma década. Que dirá 20, 30 anos atrás.

No terreno das artes, pode-se observar, ao longo de diferentes períodos sócio históricos, diferentes contextos sensoriais favorecendo o acontecimento de determinadas formas e discursos. Menos ou mais canônicos, menos ou mais excludentes, mas que, como sugere Jacques Rancière (2005), em sua "Partilha do Sensível", determinam os possíveis e os improváveis na arena do sensível: aquilo que aparece, aquilo que se reprime; os sons que se deixam ouvir, e aqueles silenciados, como sugere também Douglas Khan (2001), em seu extraordinário livro sobre o som nas artes no século XX. Transformam as condições da cultura, transformam-se as formas que assume a arte, ou, mais que isso, transformam-se as condutas que reivindicam para si o lugar da arte. A arte assume a condição de um lugar, ou não-lugar, simultaneamente poroso ao sentido do tempo e uma das forças que o constitui.

Considerando-se o poder que a arte possui, ou assim tem se afirmado, de ultrapassar o senso-comum propondo novas formas de pensar e sentir o real, a primeira indagação seria sobre as produções que negociam hoje a arena das poéticas pós revolução digital. Quais as práticas que hoje vêm tensionando o limite dos sensíveis possíveis, na visualidade, nas sonoridades, nas artes performáticas e do corpo, no audiovisual, na poesia e no texto, nas formas híbridas e ou em formas culturais emergentes? Em que medida essa produção tem a potência de fazer perceber os limites coercitivos do senso-comum, favorecendo o acontecimento de novas virtualidades estéticas nas bordas do presente? Se, como afirma certa antropologia, o campo do sensível pode ser entendido como fundamento de todas os valores e práticas de uma cultura, o que dizer a esse respeito numa cultura consumadamente digital, *full digital*?

Na presente coletânea, ao invés de encontrarmos artigos que respondem diretamente a essa questão, encontramos derivas que, por um lado, fazem o difícil exercício de recortar diferentes práticas artísticas e/ou questões, em meio a um contexto em permanente mutação, em que tais práticas se contaminam, se fundem e se confundem, em recombinações, contrações e expansões de uma era, em muitos aspectos, vem se definindo, conforme sugeriu Bauman, como uma era *líquida*. No seu conjunto, os artigos formam um conjunto que trata de questões gerais de estética e cultura tecnológica (Sales, Siqueira de Freitas), e trata de aspectos específicos das práticas performáticas (Birringer), das imagens (Mintz), das esculturas sonoras (Bousseur), do filme-ensaio (Olzon, Gontijo), da música improvisada (Moraes Costa). Em meu próprio artigo, que abre a coletânea, faço uma síntese de alguns anos de pesquisa, definindo os conceitos *tecnoestése* e *infocognição*, que dão continuidade ao trabalho reunido no livro *O primado da percepção e suas consequências no ambiente mediático*, buscando estabelecer alguns eixos (uma topologia) para pensar o contexto contemporâneo nas sociedades tecnológicas.

Entre diversas contribuições originais que atravessam esses artigos, um dos aspectos mais evidentes parece ser a emergência de um paradigma sonoro, que responde muito mais à fluidez da era digital do que as metáforas da visão que dominaram a modernidade. Assim, se os dois primeiros artigos traçam algumas posições de caráter geral, o artigo de Birringer mostra a potência da metáfora e da experiência sonoras, que será também tema do artigo de Bousseur. Mas se o som empresta formas e metáforas que alimentam o contexto contemporâneo e a compreensão da cultura digital, não podem ser as formas musicais convencionais, constituídas, maturadas e consolidadas na modernidade, que poderão melhor

dar vazão, ou encarnar o caráter líquido de nossa era. Esse vem sendo o motor do trabalho criativo e teórico de Rogério Luiz Moraes Costa. Às imagens, resta buscar repensar seu regime e suas práticas, para responder a essa nova dinâmica. Os artigos de Mintz, e de Olzon e Gontijo buscam responder a essas questões, o primeiro enfocando os trabalhos de Trevor Paslen, e os últimos buscando, sobretudo, limpar o terreno ao redor do conceito de cinema-ensaio. Esse conceito, que recobre uma vasta produção que desafia os gêneros convencionais do audiovisual e, no seu limite, envolve até mesmo alguns trabalhos de Live-Cinema, evidencia o germinar, na trajetória histórica da indústria do cinema – ligada de forma atávica à modernidade – das sementes de um pensamento que não cabe nas possibilidades de livro, e reclama outras formas de expressão, encontrando caminho nas possibilidades do audiovisual como prática de pensamento.

Vale notar que o texto de Birringer também ilustra amplamente um dos eixos propostos no primeiro artigo desta coletânea, que é aquilo a que chamei *hiperestesia do real*: o esgotamento da modernidade, ao final dos anos 50, e a emergência de uma pluralidade de gestos na arte buscando a inclusão do corpo como um todo percipiente multimodal, coincidem com a emergência da rede discursiva derivada da cibernética -- teoria de sistemas, cibernética de 2ª ordem, etc... (ver o extraordinário *Digital Culture*, de Charlie Gere, 2002) – e, sobretudo, com os primórdios da cultura digital, que emerge ainda como uma espécie de luz nascente, nos discursos otimistas dos californianos, ou como um fantasma, nas narrativas mais distópicas, como *2001, Uma odisseia do espaço* (2001: *A space odyssey*; Stanley Kubrick, 1969) *Alphaville* (*Alphaville*; Jean-Luc Godard, 1965), ou mesmo na canção Cérebro Eletrônico, de Gilberto Gil, de 1968, como notei em trabalhos anteriores (Basbaum, 2016).

Completando o dossiê, Vinícius Carvalho Pereira aborda obras a que chama de *movediças*, em que as inovações estruturais do texto vão a reboque das inovações tecnológicas, fomentando, aí, transformações estruturais. Nessa direção, o artigo *Intertextualidade e estranhamento em “Amor de Clarice”*, de Rui Torres, analisa os recursos tecnoestéticos capazes de potencializar a máxima “toda obra enseja múltiplas leituras”.

A presença, nesta edição, de pesquisadores de diferentes gerações, e diferentes origens, também evidencia uma tensão ainda presente no esforço de compreensão das transformações em curso, que é resiliência das discussões estéticas herdadas da modernidade. Mesmo exigindo manobras cada vez mais radicais de pensamento, esse legado ainda municia

pesquisadores como Alexandre Siqueira de Freitas ou Cristiano de Sales no esforço de compreender as relações entre tecnologia e estética. A minha expectativa é de que, de algum modo, a leitura dos textos desta coletânea estabeleça um feixe amplo e muito pouco linear de conexões conceituais e estéticas que permita compreender melhor as transformações nos modos de sentir, exprimir e interpretar o mundo contemporâneo, estimulando novas leituras, pesquisas e debates sobre a nossa desafiadora realidade.

*São Paulo, julho, 2018*

## REFERÊNCIAS

BASBAUM, Sérgio Roclaw: O primado da percepção e suas consequências no ambiente midiático. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2016.

BENJAMIN, Walter: A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. (tradução de Carlos Nélon Coutinho). in Costa-Lima, Luiz (org.): Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

GERE, Charlie: Digital Culture. London: Reaktion Books, 2002.

HOWES, David: Sensual Relations – engaging the senses in culture and sensual theory. Michigan University Press, 2003.

KHAN, Douglas: Noise, mater, meat - a history of sound in the arts. Cambridge: MIT Press, 2000.

McLUHAN, Marshall: Essential McLuhan (ed. by E. McLuhan, F. Zingrone). Concord: BasicBooks, 1995.

RANCIÈRE, Jacques: A partilha do sensível. São Paulo, EXO-34 Letras, 2005.